

A visibilidade da população em situação de rua através das linhas do jornal “Boca de Rua”

The visibility of homeless people through the analysis of the newspaper “Boca de Rua”

Luciane Marques Raupp¹
luciane.raupp@unilasalle.edu.br

Rosangela de Souza Lascoski¹
rosangela.lascoski@gmail.com

Juliana Corrêa Pacheco¹
julianacpac15@gmail.com

RESUMO

Não é necessário andar muito pelas grandes metrópoles para perceber que é crescente o número de pessoas em situação de rua, embora esta parcela da população tenha pouca visibilidade social. Para dar voz a estes indivíduos, no ano de 1999 foi fundada a Alice (Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação) a qual, a partir de 2001 integrou o jornal Boca de Rua em suas publicações periódicas. O Boca de Rua é um jornal comunitário que objetiva visibilizar as pessoas em situação de rua, assim como os aspectos que compõem seu cotidiano de sobrevivência, e é realizado de forma colaborativa que vivenciam esse cotidiano. Este artigo realiza uma análise de matérias publicadas no veículo, selecionadas ao longo de seus dezessete anos de existência, de modo a compreender os principais pontos destacados no jornal ao longo do tempo como uma forma de apreender o ponto de vista dos sujeitos sobre sua realidade social. Através do método de Análise de Conteúdo foi feito um mapeamento dos conteúdos mais frequentemente pautados ao longo das vinte e oito edições do jornal. Os temas recorrentes foram agrupados em cinco subcategorias: Direitos Humanos; Invisibilidade; Discriminação e

ABSTRACT

It is not necessary to go far in large metropolises to realize that the number of people in the street is increasing, although this part of the population has little social visibility. To give voice to these individuals, Alice was founded in 1999 (Free Agency for Information, Citizenship and Education), which in 2001 integrated the newspaper Boca de Rua in its periodicals. The Boca de Rua is a community newspaper who aims to make people aware of street situations, as well as the aspects that make up their daily life of survival, and is thought of in a collaborative way by the characters themselves, that is, street individuals. This article deals with the analysis of the articles published in the newspaper Boca de Rua, selected during the seventeen years of existence of the period, in order to apprehend the residents' point of view about their social reality. Through the Content Analysis, a mapping of the contents most frequently chosen during the twenty-eight editions of the newspaper Boca de Rua was carried out. The recurring themes were grouped into five subcategories: Human Rights; Invisibility; Discrimination and Prejudice; Work and Income;

¹ Universidade La Salle. Av. Victor Barreto, 2288 – Centro, Canoas (RS).

Preconceito; Trabalho e Renda; Drogas e Violência; Movimentos Sociais, Cidadania e Arte. Concluiu-se que a construção da realidade social do morador em situação de rua é permeada pelo estigma e pela violação de direitos, embora o Boca de Rua atue de maneira a dar voz a esta população, contribuindo para a conscientização social da problemática de sobreviver nas ruas.

Palavras-chave: Jornal comunitário. População em situação de rua. Vulnerabilidade social.

Introdução

A população em situação de rua compõe o cenário social de inúmeras cidades do país e, como uma fotografia, retrata o que há de mais desigual e indiferente à sociedade. Estes indivíduos ocupam e compartilham de diferentes formas os territórios das cidades. Contudo, um olhar mais atento para a dinâmica social dessa população possibilita observar que não se trata apenas de um retrato, mas de um filme em contínuo movimento, fruto da realidade social que, por não ser imóvel, deve ser vista em suas múltiplas dimensões e determinações.

Genericamente, o termo ‘pessoa em situação de rua’ designa um conjunto de atores sociais, de diferentes idades e procedências, sem trabalho ou residência formais que utiliza a rua ou unidades públicas de acolhimento como espaço de sobrevivência e moradia, definitivo ou transitório (BRASIL, 2009). O emprego desse termo visa superar as limitações de termos como morador de rua “(...)”, que os situa como um grupo fixado numa condição específica, caracterizada por um conjunto de carências (PIMENTA, 2019). Apesar de tais características parecerem unificar essa categoria social, um olhar mais atento revela a existência de diversos contextos, modos de vida e estratégias de sobrevivência, produzindo diferenciações importantes que apontam à diversidade e pluralidade presentes desse conjunto populacional que é parte integrante dos cenários urbanos das sociedades industriais capitalistas (SILVA et al., 2017).

A existência desse grupo social revela a presença de contradições em um país que assegura na Constituição Federal o acesso à moradia, saúde, educação e assistência social como direito de todos e dever do Estado (PAIVA et al., 2016). Sobrevivendo por meio da luta diária para a obtenção do mínimo necessário para a subsistência, a população em situação de rua comumente se vale da coleta de materiais recicláveis - os restos do sistema capitalista - e, nesse processo, é equiparada ao material que

Drugs and Violence; Social Movements, Citizenship and Art. It was concluded that the construction of the social reality of the homeless in a street situation is permeated by stigma and violation of rights, although Boca de Rua acts in a way to give voice to this population, contributing to the social awareness of the problem of surviving in the street.

Keywords: Community newspaper. Homeless population. Social vulnerability.

coleta para vender, ou seja, como descartáveis urbanos aos quais os direitos básicos de cidadania são negados ao ter sua existência permeada pelo estigma, discriminação e preconceito (VARANDA; ADORNO, 2004).

Apesar da invisibilidade e da precariedade associadas à situação de habitar o que é público, iniciativas ligadas à organização de coletivos, tais como a Rede Rua e o Movimento Nacional das Pessoas em Situação de Rua (MPR), surgem no Brasil a partir da década de 1980 visando organizar e propor alternativas a esse público que não se pautassem na perspectiva assistencialista predominante. No esteio desse movimento surgiram experiências de criação coletiva de veículos de comunicação alternativos, como o jornal ‘O Trecheiro - Notícias do Povo de Rua’. Este, por meio de publicações mensais elaboradas junto às pessoas em situação de rua, constitui-se em uma via efetiva de comunicação realizado *por e para* a população em situação de rua que permite comunicar acontecimentos vivenciados pelos mesmos nas ruas da cidade de São Paulo (MATTOS e FERREIRA, 2004).

De forma semelhante à experiência de São Paulo, surgiu em Porto Alegre, o Jornal Boca de Rua, tendo como proposta principal criar um espaço de convivência, aprendizado e de trabalho para esse público, bem como uma forma para a expressão de suas opiniões, vivência, demandas e denúncias. (JORNAL BOCA DE RUA, 2012). O jornal existe desde 2001 e recebe apoio da ALICE (Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação), uma Organização Não-Governamental (ONG) que busca criar possibilidades para o estabelecimento de novas relações sociais, cujas configurações, distintas das atuais, permitam às pessoas engajadas no projeto expressarem suas percepções acerca de seu cotidiano, além de assegurar uma alternativa de geração de renda.

[...] Um dos lemas da Agência Livre para Informação, Cidadania, Educação é dar voz a quem não tem. Além de garantir visibilidade a tais grupos,

as publicações que são realizadas pelas pessoas em situação de rua com orientação de jornalistas profissionais, convidam os leitores a uma reflexão sobre uma realidade que não sai na grande mídia à realidade da rua. (ALICE, 2011, p.5).

Diante da importância de compreender pelo viés das pessoas em situação de rua seu cotidiano, dificuldades e potencialidades, esse estudo tomou por foco a compreensão desta realidade por meio das representações sobre o viver nas ruas presentes nas edições do Jornal Boca de Rua. Este trabalho é fruto de uma investigação de cunho exploratório que teve por objetivo analisar as matérias veiculadas no Jornal Boca de Rua ao longo de suas edições, desde o primeiro número até o momento da organização dos dados (de 2010 a 2017), buscando descrever as temáticas mais recorrentes e suas formas de apresentação no jornal. Partiu-se da hipótese de que as matérias mais discutidas constituem pontos importantes da vivência e das relações com a cidade, com as políticas públicas e com os direitos humanos das pessoas que escrevem o jornal.

Referencial teórico

Pessoas em situação de rua

O termo situação de rua designa o indivíduo que, por não possuir uma moradia fixa, acaba por habitar transitóriamente diversos logradouros públicos, albergues ou pensões. De acordo com Mattos (2003) essa expressão é utilizada para enfatizar o aspecto processual da passagem pela rua como um momento da biografia individual dos sujeitos e não como um estado permanente.

Com o objetivo de destacar a fluidez presente nas práticas de habitar as urbes, ainda na década de 1990 foi cunhado o termo “trânsito pela rua” (ADORNO 1997/1998), ao ser constatado que a situação de passar dias e noites nas ruas comumente se alternava com períodos de estadas em outros espaços, como instituições especializadas de acolhimento – albergues e abrigos –, mas também com o retorno episódico à casa de familiares ou amigos, ou ainda com épocas nas quais através do desenvolvimento de atividades remuneradas permite locar um local para residir. Essa perspectiva de trânsito permite compreender o movimento que marca existências em fluxo, nas quais a tendência a aumentar os períodos na rua, nas brechas entre um trabalho e outro, resultam do

passar do tempo nessa condição, agravados comumente pelo uso problemático de substâncias psicoativas, pelos transtornos mentais e envolvimento com redes de ilegalidade e violência. (RAUUP, ADORNO, 2011). Ainda que reconhecida a existência de diferentes fatores associados à complexidade dessa situação, em geral a referência ao viver na rua é carregada de preconceitos e a fragilidade destas pessoas é vista como causa única da sua condição, individualizando assim uma condição que é socialmente produzida (SERAFINO, 2015).

Trata-se de uma condição social estigmatizada na qual os sujeitos são desacreditados ou associados aos papéis sociais de drogado, de criminoso, de violento, de sujo e de doente, formas de ser e estar no espaço urbano não reconhecidas como legítimas e, portanto, aos quais “se nega o direito à cidade” (Pimenta, 2019, p. 85).

Em processos marcados pelo trânsito pela rua como forma permanente ou fixa de moradia e sobrevivência há o desenvolvimento de formas de sociabilidade e de estratégias de sobrevivência que iniciam pela adaptação a um modo de vida que rompe com as formas socialmente estabelecidas pelo princípio legitimador do mercado que institui o emprego como centro da organização social (PAIVA et al., 2016). Estar nas ruas significa desenvolver um processo compensatório em relação às perdas materiais e afetivas e começar a usar outros recursos de sobrevivência até então ignorados, assimilando com isso novas formas de organização que permitem a satisfação das necessidades e a superação dos obstáculos que a cidade apresenta. Ainda assim, o que os tornam visíveis é justamente a condição de carência e deficiência, que caracteriza um modo distinto de vinculação ao cenário urbano, fator reforçado pela presença de uma estética que diferencia dos incluídos ao denotar a pauperização de sua condição social, agravando assim a estigmatização social (BULLA; MENDES; PRATES, 2004).

Nesses espaços habitados por pessoas que vivem na rua, além de assumirem essa característica no momento em que se habita, o ambiente é transformado pela presença de objetos-pertences que alteram a paisagem. Colchões, travesseiros, cobertores, roupas, sapatos, chinelos, redes de descanso, lonas, barracas, papelões, jornais, carrinhos, materiais recicláveis, sacos de lixo são objetos-pertences que compõem as cenas

urbanas dos que habitam nas ruas. Praças e entornos de viadutos e passarelas são curiosamente transformados na presença dessa população. A transformação ultrapassa o sentido físico-visual, transcendendo o valor funcional dessas estruturas. (SILVA e BELLOC, 2018).

A produção de conhecimento e de meios para o reconhecimento dessa população são essenciais para o desenvolvimento de políticas públicas que viabilizem processos de integração e social capazes de respeitar suas formas de organização e necessidades peculiares. Além disso, cabe destacar o papel fundamental de organizações não governamentais e de movimentos sociais ao criarem meios de denúncia dos mecanismos de opressão política e social, fundados em uma visão de denúncia da perversidade macroestrutural do sistema capitalista e de fomento a processos de valorização das identidades e do cotidiano de vida e a luta dessas pessoas (Adorno, 1997; 1999).

O jornal Boca de Rua

O jornal Boca de Rua foi criado em agosto de 2001 na cidade de Porto Alegre, fruto da iniciativa das jornalistas Clarinha Glock e Rosinha Duarte. É uma publicação trimestral elaborada por pessoas que vivem ou já viveram nas ruas que possui o intuito de conscientizar a sociedade sobre o cotidiano de quem sobrevive nas ruas, bem como gerar renda e visibilidade social aos mesmos (ALICE, 2011, p.5). O valor arrecadado com a venda dos exemplares é inteiramente destinado aos envolvidos no processo de criação e comercialização do veículo carinhosamente chamado de “Boca”.

Atualmente o jornal é possui edições trimestrais de oito páginas cada e conta com cerca de trinta colaboradores que se reúnem semanalmente na EPA - Escola Porto Alegre (instituição de ensino para pessoas em situação de rua). Estes se dividem em grupos que são responsáveis pela seleção e execução das diferentes pautas, pela elaboração dos roteiros e realização de entrevistas para cada edição, além de decidirem sobre os títulos das matérias e a seleção fotografias que ilustram o jornal e retratam sua realidade. Contam com o apoio técnico de jornalistas e voluntários vinculados à ALICE que executam a edição e a diagramação das matérias criadas pelos participantes.

O principal objetivo do Boca de Rua é “abrir um canal de comunicação entre a sociedade e as pessoas em situação de rua, já que estes só costumam ser retratados pelos meios de comunicação nas páginas policiais ou em reportagens sobre saúde.” (GLOCK, 2007, p.20).

Além disso, o Boca de Rua não reforça as segmentações pluridemocráticas, isoladas em seus mundos discursivos. Afinal, apesar de ser elaborado por um grupo específico e tratando de temas relativos a este mesmo grupo, o jornal não é voltado exclusivamente para este segmento. Ao invés de criar uma interioridade ressentida, isolada e contraposta aos demais, o Boca de Rua busca antes fazer espargir uma voz menor, invisibilidade e impedida de escorrer pelas relações mediatizadas do contemporâneo. MIZOGUCHI, COSTA e MADEIRA (2007).

Desta forma, o jornal proporciona aos moradores de rua que criem imagens sobre si, as quais instrumentarão trocas sociais para além dos estereótipos apresentados pelos grandes veículos de informação. Lima e Oliveira (2012) defendem que o Boca de Rua é um jornal que dá voz ao povo da rua, contribuindo na superação das barreiras e para a inserção social, seja na tentativa de venda do produto seja em sua produção.

Em um artigo sobre o jornal publicado por Mizoguchi; Costa e Luce (2007, p. 40) é destacado o papel do veículo como fomentador de formas de identidade valorizadas socialmente ao inserir seus integrantes no fluxo capitalístico das trocas socialmente regulamentadas:

Ao reunirem-se em um grupo e buscarem sua identidade, utilizam-na como elemento de inserção nos fluxos do espetáculo contemporâneo, mediando por imagens seu contato com os demais cidadãos capitalizam sua situação, autovalorizando-a. Isso ocorre de tal modo que lhes desloca de uma posição de vítima que clama a assistência de uma sociedade justa – que lhe provenha de condições de sobreviver, por ser isso responsabilidade de todos – para a posição de um prestador de serviços. Invés de um caçador/coletor das sobras da produção do sócio – do lixo às moedinhas e seu assistencialismo cristão culpado –, o integrante do Boca de Rua insere-se nos fluxos contemporâneos, deslocando a entrega de uma moeda, fruto da mendicância, para uma relação de consumo e adquirindo, assim, a potência de ser reconhecido enquanto cidadão da sociedade de consumo (p.40).

Metodologia

Esse é um estudo de cunho exploratório, baseado em dados secundários, de tipo Misto, por utilizar em um único estudo instrumentos quantitativos e qualitativos para responder de forma mais ampla às questões de pesquisa e/ou testar hipóteses (CRESWELL, 2010). Foram analisadas de forma retrospectiva as matérias veiculadas no Jornal Boca de Rua publicadas ao longo de todas as edições até o momento da coleta de dados (de 2010 a 2017), de modo a abarcar as temáticas mais recorrentes e suas formas de apresentação. Essa temáticas foram selecionadas a partir das matérias de capa de cada edição, compreendidas no escopo dessa análise como a principal temática abordada em cada edição. Ficaram de fora do trabalho de análise as matérias que faziam parte do “Boquinha”, encarte interno ao jornal produzido por crianças e adolescentes.

As matérias, publicadas nas 28 edições foram analisadas sob a ótica da Análise de Conteúdo, em seu escopo quantitativo e qualitativo, de forma a mapear os assuntos recorrentes nas publicações do Jornal Boca de Rua, categorizando-os de acordo com os temas emergentes. Bardin (1997) define o método como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, a partir da identificação de fragmentos e características recorrentes.

Primeiramente, de acordo com o que é proposto pelo método da Análise de Conteúdo, procedeu-se à leitura exploratória das publicações. Após a familiarização com o material de análise, foram selecionados pontos importantes das matérias publicadas no jornal, permitindo, assim, a categorização dos temas emergentes. Dados quantitativos foram elaborados visando uma melhor compreensão das categorias emergentes da análise das publicações. Assim, estabeleceu-se, primeiramente, um panorama sobre a periodicidade dos temas, seguido da problematização das questões que constituem pontos importantes da vivência das pessoas em situação de rua e de suas relações com a cidade, com as políticas públicas e com os direitos humanos.

Resultados

Os resultados desse estudo foram divididos em duas partes. Inicialmente serão apresentados os temas mais recorrentes ao longo de todas as edições publicadas até o final de 2017 (Tabela 1), seguido da frequência de aparição de cada tema no total das edições publicadas

(Gráfico 1). Posteriormente serão apresentados os resultados da Análise de Conteúdo das temáticas abordadas nas diferentes edições.

Temáticas

A Tabela 1 apresenta as temáticas mais recorrentes abordadas pelo Jornal Boca de Rua, divididas por ano de publicação.

Após o mapeamento das publicações anuais, procedeu-se à análise trimestral, etapa em que foi possível identificar e ranquear as categorias elencadas por recorrência (Gráfico 1).

Análise de conteúdo

A partir da identificação das temáticas mais recorrentes entre as 28 edições publicadas do Jornal Boca de Rua, foi realizada a Análise de Conteúdo das matérias a elas relacionadas, e a consequente categorização dos assuntos emergentes, apresentada a seguir.

Direitos Humanos

A categoria direitos humanos foi a que mais recorrentemente ocorreu ao longo das edições analisadas, frequência que sugere o quanto a dignidade humana é violada no dia a dia desse público. Nas edições que abordam o tema são citados exemplos de direitos humanos e como eles se fazem presentes, ou não, no cotidiano das pessoas em situação de rua.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, como ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações, reconhece, por definição, os direitos de cada ser humano, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outro tipo, origem social ou nacional, ou condição de nascimento ou riqueza. Inclui o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, dentre tantos outros. (ONU, 1948).

Uma vez que os direitos humanos são concepções prescritivas e não descritivas, ou seja, encerram um dever ser e não um ser, sua concretização só pode se dar através das lutas por justiça (SILVA e COSTA, 2015). Entretanto, nas edições do Jornal Boca de Rua, em especial as dos anos de 2010, 2011 e 2014, a cidade de Porto Alegre é descrita como um local em que a dignidade é negada as pessoas em situação de rua, mesmo nos espaços desti-

| Ano de publicação | Categorias |
|-------------------|--|
| 2010 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Trabalho e Renda Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2011 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Trabalho e Renda Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2012 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Trabalho e Renda Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2013 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2014 | Direitos Humanos Trabalho e Renda Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2015 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2016 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Drogas e Violência Movimentos Sociais, Cidadania e Arte |
| 2017 | Direitos Humanos Invisibilidade, Discriminação e Preconceito Drogas e Violência |

Tabela 1. Publicações do Jornal Boca de Rua, por categoria de análise. Canoas, RS, Brasil, 2018.

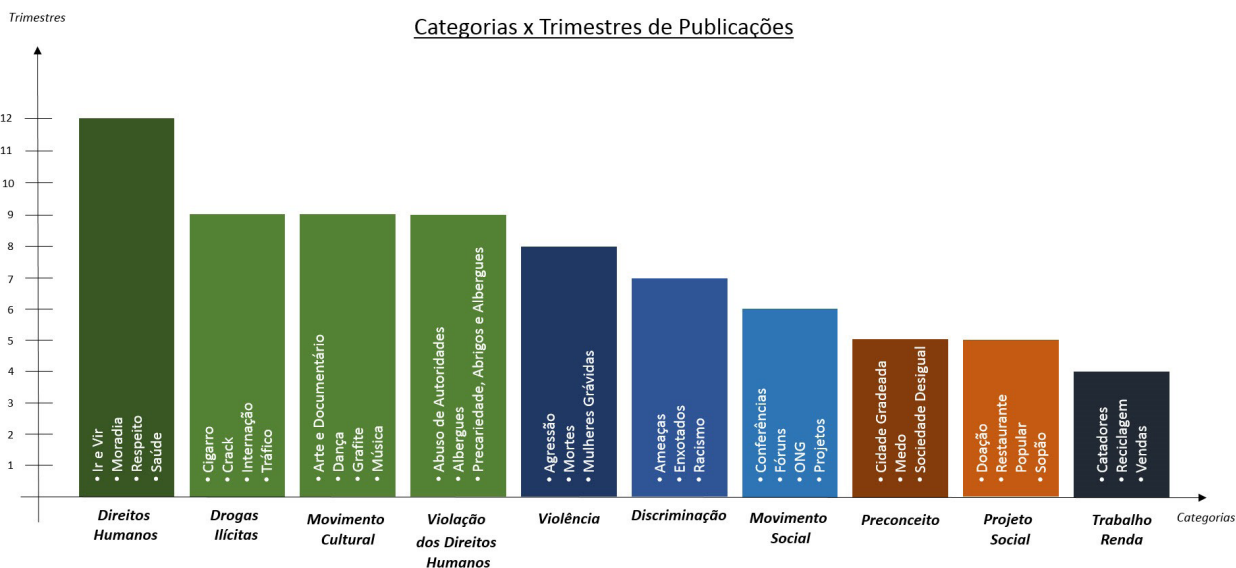


Gráfico 1. Quantificação trimestral das categorias de análise. Canoas, RS, Brasil, 2018.

nados ao acolhimento desta população, o que pode ser constatado através das várias denúncias feitas ao longo das edições envolvendo instituições públicas como os albergues municipais: “Toda a pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive cuidados médicos”. (JORNAL BOCA DE RUA, 2010. P. 4).

Nas grandes cidades brasileiras a presença ostensiva de adultos e jovens vivendo nas ruas em condições precárias deixa clara a insuficiência das políticas públicas no cumprimento dos preceitos constitucionais ao deixar ao relento parcela considerável da população. Um estudo recente abordou dados de pesquisas realizadas em Porto Alegre e apontou à insuficiência da rede de assistência social, saúde e segurança pública em atender as demandas das pessoas em situação de rua. Os dados revelam o aumento considerável do número de pessoas nessa condição, maior tempo de permanência na rua e envelhecimento desse segmento da população, o que levanta questões sobre a efetividade das políticas públicas voltadas a este segmento (PIMENTA, 2019).

No âmbito das políticas públicas voltadas a população em foco o direito à saúde também é dificultado. Mesmo nos hospitais que prestam assistência pelo Sistema Único de Saúde (SUS) é relatado ser difícil o acesso para as pessoas que podem estar sujas ou malvestidas. Falta infraestrutura para que se prestem serviços médicos e odontológicos de qualidade, bem como para que seja possível a continuidade dos tratamentos fora do ambiente

hospitalar: “[...] Não existe no país um programa que garanta um auxílio permanente a quem sobrevive nas ruas. (JORNAL BOCA DE RUA, 2010).

Segundo Paiva et al. (2016), embora o acesso ao sistema de saúde seja, muitas vezes, difícil para qualquer pessoa, há agravantes quando pensamos na população em situação de rua. Para conseguir atendimento, é preciso esperar por várias horas e, quando não se tem o que comer ou onde dormir, outras necessidades, como as de saúde, tendem a ficar em segundo plano.

O direito de ir e vir destes sujeitos também está ameaçado. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade da Prefeitura de Porto Alegre criou o Programa Adote uma Praça (Progap). Através dele, qualquer entidade civil pode assumir a responsabilidade por revitalizar uma área verde da cidade, processo que, frequentemente, inclui a ação de dificultar o acesso às pessoas em situação de rua. À sociedade, a presença destes nos espaços centrais das áreas urbanas causa incômodo: “As pessoas te correm por que não querem te ver ali parado [...]”. (JORNAL BOCA DE RUA, 2010, p. 4). Nesse sentido o “Boca” enfatiza e se faz instrumento da luta pelo direito à cidade, dado que a rua é um espaço público, portanto comum a todos, mas que muitas vezes é negado a essas pessoas.

As primeiras edições publicadas no ano de 2011 enfocam o direito à alimentação, e a urgência de uma sociedade mais empática às necessidades básicas das pessoas em situação em rua. Nas edições posteriores, é

pautada a circulação cada vez mais difícil das pessoas em situação de rua nos centros urbanos, aliada à constante violação dos seus direitos mais fundamentais.

A carência de condições básicas de vida, a exclusão, o isolamento social e a negação da condição de sujeito produzem a internalização da condição de sofrimento, que repercute na formação da identidade dessas pessoas. Renegados à condição de miseráveis, excluídos e invisíveis, as representações sociais negativas são introjetadas e desembocam em mecanismos de culpabilidade (WARANDA, 2009). A sociedade diz pra não julgarmos o livro pela capa, mas se a pessoa não está bem vestida não é bem vista”. (JORNAL BOCA DE RUA, 2011, p. 7).

Cabe registrar, conforme divulgado no periódico, que um relatório feito por vereadores de Porto Alegre constatou condições precárias e graves violações de direitos nos Albergues Municipais, situação que vem se agravando ao longo da atual gestão municipal que prevê a privatização desses serviços. Os usuários aguardam por longo tempo nas filas para adentrar nestes espaços. No inverno, é comum que os responsáveis não liguem os aquecedores a gás para a água dos chuveiros. A comida é pouca, ainda mais atentado ao fato de que é destinada a quem tem pouco acesso a esse direito básico:

[...] Quatros horas. Este é o tempo de espera para tomar banho. Sem falar que as pessoas não se sentem acolhidas porque parece que estão ali por favor. Tem uma espécie de terapia coletiva, com todo mundo participando de um bate papo e balançando a cabeça para ficar mais calmo é um relaxamento torturante. (JORNAL BOCA DE RUA, 2011).

[...] As pessoas em situação de rua estão abandonadas em tudo. O sistema está falido e a Fundação de Assistência Social e Cidadania, que foi criada para ajudar a população em situação de rua e não está ajudando”. (JORNAL BOCA DE RUA, 2014).

Para que ocorram mudanças efetivas no âmbito da garantia de direitos a quem sobrevive nas ruas se faz necessário visibilizar “a assimetria entre um discurso abstrato dos direitos humanos, que opera como panaceia para todos os males ao mesmo tempo em que se cala diante de violências estruturais e um outro que busca denunciar continuamente as bases materiais das lutas sociais.” (SILVA E COSTA, 2015). Compreende-se que pela ênfase dada nas matérias do Boca de Rua à ausência de direitos

humanos no cotidiano das pessoas alvo desse jornal que o mesmo se constitui como um veículo fundamental para a denúncia e a luta pela garantia desses direitos.

Invisibilidade, discriminação e preconceito

Essa categoria é composta por um conjunto de expressões e atitudes negativas em relação às pessoas em situação de rua, reflexo de representações sociais e posições ideológicas que embasam a expressão de comportamentos hostis e discriminatórios. Com o objetivo de denunciar essa situação de descaso e de hostilidade o jornal Boca de Rua aborda em várias edições a discriminação social vivida cotidianamente na qual as pessoas em situação de rua não são respeitadas pelos demais, enfatizando termos como desigualdade social, discriminação e o racismo, aproximando as noções de que o morador de rua não é reconhecido como igual aos demais membros da sociedade, o que lhes causa problemas de afirmação e aceitação pessoal.

A histórica divisão da sociedade em classes sociais é uma das principais razões para discriminação da população em situação de rua. De certa forma, estes romperam com o que foi culturalmente construído ao mudar as formas de habitar o espaço urbano, carregando consigo o estigma e a invisibilidade. Viver nas ruas é uma “situação para a qual são conduzidas parcelas expressivas da classe trabalhadora, em decorrência do aprofundamento das desigualdades sociais e da elevação dos níveis de pobreza produzidos pelo sistema capitalista.” (SILVA, 2006, p. 105).

Para ajudar na desconstrução desses estigmas a “Boca” busca proporcionar o encontro entre diferentes experiências e histórias de vida, se fazendo de instrumento para dar voz a quem é invisível em busca de conscientização, de direitos equitativos e de respeito às singularidades, expondo relatos de invisibilidade e de discriminação. “O não ser visto [...] se materializa quando não se reconhece as especificidades de uma população que por vezes não possui documento de identificação, quando enfrenta dificuldades de acesso à qualificação profissional, educação, saúde e habitação.” (JÚNIOR E BELLOC, 2018).

[...] Fui vítima de preconceito quando me candidatei a uma vaga de emprego. Estava tudo certo para eu ingressar no serviço. Na última fase, que era uma consulta o médico perguntou se eu tinha alguma doença. Eu falei que tinha HIV há 17 anos. Por causa disso não me deram a oportunidade de trabalho. (JORNAL BOCA DE RUA, 2012).

‘Te manda enga fedorenta!’ Essa frase racista e preconceituosa foi dirigida a Rita, integrante da Boca de Rua, por um servidor da Casa de Cultura Mario Quintana. (JORNAL BOCA DE RUA, 2015).

As edições do ano de 2013 retratam os impactos negativos das políticas de higienização municipal, intensificadas com a proximidade da Copa do Mundo. Para evitar que eles dormissem nas praças, ferros foram colocados nos bancos. “A imprensa chamou essa providência de poder público de banco anti-mendigo [...]” (JORNAL BOCA DE RUA, 2013).

As políticas higienistas estão pautadas em ideias de desenvolvimento e de maior circulação de capital, mas a questão está longe de ser apenas econômica. “Pelo consumo, o espaço ganha a materialidade necessária para a cena cotidiana consagrada das relações de poder mais contundentes da sociedade. Sabe-se que processos de dominação implicam na remoção de resistências, em sentido amplo.” (PEIXOTO, 2014).

Estar na rua é estruturar progressivamente um novo cotidiano que tem como referencial o espaço público, com seus moradores e usuários. Ser da rua é tornar este espaço seu cotidiano real, tendo a rua como moradia e local de trabalho, ir se desvinculando gradativamente das suas redes sociais de suporte e aderindo aos códigos que imperam nas ruas. (ANDRADE, COSTA e MARQUETTI, 2014).

Neste sentido, Silva Júnior e Belloc (2018) pontuam que o cotidiano de quem vive na rua é produzido a partir de sua relação com o espaço urbano, e a partir a compreensão das tramas que envolvem a busca por sustento a partir do que a rua oferece. A cada dia é preciso construir novos significados e relações em um território estratificado e segregador, que não dá aos moradores de rua as condições básicas para sobrevivência. Vítimas do preconceito e do processo de exclusão de uma sociedade que os rejeita, muitas vezes “o morador de rua assume de forma extremamente rígida o estigma lançado sobre si, sentindo-se fracassados, caídos” (VIEIRA et al., 1994, p. 100).

Trabalho e renda

O paradoxo da invisibilidade social nos grandes centros urbanos afeta diretamente pessoas que sobrevivem pelo trabalho informal e habitam áreas públicas ou privadas

em caráter transitório e precário (RAUPP; SAPIRO, 2014). Estudo publicado no ano de 2016 revelou que quase todas as pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre possuem alguma renda que é fruto de suas estratégias de sobrevivência, sendo estas em geral atividades autônomas e de pouca estabilidade, como o trabalho envolvendo reciclagem. Segundo esse estudo as atividades mais exercidas por esse público são trabalhar com coleta de matérias recicláveis (23,9%), jardinagem (14,0%), guardar e lavar carros (12,8%) e pedir (9,9%) e o rendimento mensal obtido nessas atividades é baixo, dado que 69,8% recebem até um salário mínimo (PIMENTA, 2019).

Frente às mudanças contemporâneas no mundo do trabalho, poucas alternativas produtivas, viáveis e não precarizadas restam à população que sobrevive nas ruas, visto que o desemprego é um dos fatores mais diretamente associados à falta de moradia. Nesse contexto, participar do processo que envolve a produção e posterior venda do jornal Boca de Rua se constitui também como uma forma de geração de renda e identidade, ao deslocar a pessoa que o vende da condição de pedinte para a de prestador de um serviço:

Ao reunirem-se em um grupo e buscarem sua identidade, utilizam-na como elemento de inserção nos fluxos do espetáculo contemporâneo, mediando por imagens seu contato com os demais cidadãos que capitalizam sua situação, autovalorizando-a. Isso ocorre de tal modo que lhes desloca de uma posição de vítima que clama a assistência de uma sociedade justa (...) para a posição de um prestador de serviços. Invés de um caçador/coletor das sobras da produção do sócio – do lixo às moedinhas e seu assistencialismo cristão culpado –, o integrante do Boca de Rua insere-se nos fluxos contemporâneos, deslocando a entrega de uma moeda, fruto da mendicância, para uma relação de consumo e adquirindo, assim, a potência de ser reconhecido enquanto cidadão da sociedade de consumo (MIZOGUCHI; COSTA; MADEIRA, 2007, p. 42).

Apesar das representações sociais que valorizam mais a prestação de um serviço, como a venda de um jornal, que a prática da mendicância, o fato de a estética de quem o vende se associar à vida na rua faz com que a venda do “Boca” seja por vezes alvo de atitudes discriminatórias: “Os condutores, em sua maioria, fogem os olhares como se não existissem: tirar-lhes a identidade de mendigos resulta muito custoso” (MIZOGUCHI; COSTA;

MADEIRA, 2007, p. 42). Um exemplo dessa dinâmica social é explicitado no trecho a seguir:

[...] Muitas vezes na sinaleira a gente ouve “vai arrumar um trabalho decente”, mas vender jornais na sinaleira é um trabalho. Além de vender também produzimos o jornal – tiramos fotos, fazemos textos, entrevistas, pesquisas. Ou seja, é um trabalho muito decente, só que as pessoas não percebem. E, além dos jornalistas, existem vários tipos de trabalhadores na rua, especialmente no sinal: panfleteiros, vendedores de frutas, de flores, de objetos em geral e artistas e limpadores de vidro, além de nós, do Boca de Rua. (JORNAL BOCA DE RUA, 2012, p.16).

Em abril de 2012, a edição publicada pontua os semáforos da cidade como os locais mais disputados entre os vendedores do Jornal Boca de Rua. A competitividade pelo espaço urbano é permeada pelos frequentes episódios de violência verbal, e reforça o preconceito e a segregação que acompanha os moradores de rua, mesmo quando em busca de trabalho e renda.

[...] Tem muita gente que briga pelos clientes e pelo espaço. Alguns se acham “donos” da rua e dominam os pontos, expulsando o pessoal do Boca de Rua. (JORNAL BOCA DE RUA, 2012).

As duas primeiras edições de 2010 enfocam as oportunidades de trabalho temporário ou informal que surgem durante o Carnaval. Já em 2011, a principal atividade desenvolvida pela população em situação de rua é a reciclagem, embora segundo a reportagem de capa dessa edição a implementação de contêineres na cidade ameace esta prática que preza que o material reciclável seja enviado às cooperativas da região, e não aos catadores individuais que sobrevivem nas ruas.

A presença de questões sobre o trabalho como a terceira mais presente nas discussões enfocadas durante o período pesquisado relaciona-se às dificuldades dessa população em integrar-se socialmente e satisfazer suas necessidades por meio desse destacado organizador social. Segundo Bezerra et al. (2015) o desemprego é um dos principais fatores relacionados à perda de moradia formal e de acesso aos meios básicos de subsistência, dado que a exclusão do mundo geralmente é o primeiro passo para a entrada em uma zona de vulnerabilidade social que por vezes culmina na situação de rua.

Drogas e violência

O uso de álcool e outras drogas fazem parte da vivência da situação de rua, seja como uma estratégia de sobrevivência, por exemplo, para minimizar a fome e o frio, seja como um meio de socialização. O uso dessas substâncias é considerado há muito tempo como uma das dimensões culturais que compõem o estilo de vida da população em situação de rua (SPADONI et al, 2017). Pode ser entendido, no contexto explorado neste estudo, tanto como “causa do adentrar a rua, como também meio de encarar a vida nela, ante as adversidades que o cotidiano nas ruas impõe ao indivíduo e, assim, acaba por se configurar um entrave para a superação da situação de rua.” (BEZERRA et al., 2015). Essa realidade é também foco de temáticas recorrentes no Boca de Rua, como no trecho a seguir: “O crack tem vários nomes: choro, medo, esperança. Não é o começo nem o fim, e ao meio. O começo, que te leva pra rua, é a desilusão, a falta da família, de emprego de oportunidade, o fim é a morte”. (JORNAL BOCA DE RUA, 2010).

O acesso a tratamentos específicos para o uso problemático e a dependência dessas substâncias e as modalidades de atenção disponíveis foram tema de edições nos anos de 2010, 2011, 2013 e 2017 do Jornal Boca de Rua. Todas as matérias destacaram a inexistência de serviços adequados para as pessoas em situação de rua com problemas devido ao uso de drogas lícitas ou ilícitas na cidade de Porto Alegre. Os únicos serviços disponíveis são tidos como ineficientes ou onerosos, e por esta razão, distantes ou inacessíveis a pessoas que compartilham essa realidade social.

Varanda (2009) pontua que entre a população em situação de rua os mecanismos sociais responsáveis pela limitação do consumo de substâncias psicoativas compreendem, basicamente, ações policiais de repressão, comumente associadas a políticas higienistas e de petrificação urbana. Pautam-se na remoção dos sujeitos de locais estratégicos, do ponto de vista gerencial ou à superlotação dos abrigos públicos, instituições sociais e religiosas.

O comum envolvimento da população em situação de rua com o uso de drogas pode expô-los as redes ilícitas de violência, principalmente associadas às atividades do tráfico de drogas, sendo esta a primeira associação feita quando são noticiados casos de agressão/morte de moradores de rua. Entretanto, a violência sofrida por estes sujeitos também está relacionada a diversos outros aspectos, como o preconceito e a discriminação social.

A violência direcionada aos moradores de rua, sob qualquer forma, é frequente, e a vulnerabilidade desta população aumenta à medida que não são realizados esforços institucionais para sua proteção. “É notável a necessidade de proteção a esses indivíduos, uma vez que a violência é um fator que incrementa e incentiva o processo de desterritorialização e de pertencimento social das pessoas em situação de rua.” (BEZERRA et al., 2015).

Nos primeiros quatro meses do ano de 2017, de acordo com o Jornal Boca de Rua, a violência contra os moradores de rua aumentou consideravelmente, sendo que as agressões foram cometidas principalmente pela polícia e pela população civil. Somente no mês de março, em apenas uma semana, dois integrantes do Jornal Boca de Rua foram assassinados em Porto Alegre: [...] a polícia espanca e isso é horrível, a gente leva uns chutes, umas pauladas e a vida continua. (JORNAL BOCA DE RUA, 2012).

Na edição de outubro do ano de 2011, a violência urbana é apontada como apenas um dos aspectos cruciais à sobrevivência da população em situação de rua. Além disso, a cidade oferece uma série de outros perigos, como o clima. O frio do inverno de Porto Alegre causa, anualmente, a morte de muitos moradores de rua, direta ou indiretamente. A falta de condições básicas de vida, que fere os direitos humanos, como já explicitado, também é uma forma de violência estrutural a esta população.

Movimentos sociais, cidadania e arte

Nessa categoria são destacados trechos de matérias nas quais é abordada a importância da participação de membros do Boca de Rua nos diversos movimentos culturais e sociais que ocorrem nas ruas da cidade. Matérias destacam que, apesar das dificuldades inerentes ao habitar os logradouros públicos, a vida na rua também traz aspectos positivos, como é o caso do contato com manifestações artísticas e culturais diversas, conforme as edições de 2012, 2013 e 2015. Um exemplo desse contato é abordado em matérias que apresentam um grupo de Hip-Hop formado inicialmente apenas por integrantes do Jornal Boca de Rua, os quais expressam aspectos do cotidiano das ruas, como a presença de drogas e violência, através de suas letras de Rap.

Em 2013 uma das edições abordou a importância da participação de alguns membros nos diversos movimentos culturais nas ruas de Porto Alegre, exemplos do esforço da arte urbana. Além disso, ganhando visibilidade,

o Boca de Rua inspirou a produção do documentário “Vozes de uma gente invisível”, que comemora os treze anos do movimento. No mesmo ano, Porto Alegre foi palco de um espetáculo pautado na luta por cidadania. Inspirado no Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua, a peça teatral reivindicou direitos, preconceito e as injustiças: “O teatro é uma forma de denúncia. (Arlete) atriz da peça diz, é uma vivência para tentar perceber o que acontece com o morador de rua, a correria, como é expulso de um lugar e vai para outro e é expulso de novo e vai para outro lugar (JORNAL BOCA DE RUA, 2015).

O Boca de Rua comumente aborda também temáticas relativas à importância dos movimentos sociais para a garantia de direitos entre essa população por possibilitar, entre outros aspectos, o conhecimento da importância e das formas para a participação em fóruns, grupos e instituições de promoção e proteção dos direitos desta população. Em paralelo a esse caminho que busca a garantia de direitos sociais, tem se destacado a importância da atuação de Organizações Não-Governamentais e de instituições que desenvolvem projetos voltados à realidade dessas pessoas, projetos que têm como finalidades estimular e desenvolver o exercício de cidadania, resgatar direitos e estimular o engajamento social (GOHN, 2011).

Considerações finais

Essa investigação procurou destacar a importância de compreender mais profundamente os diversos aspectos envolvidos na experiência de habitar o espaço público das cidades contemporâneas, fenômeno social complexo, fruto de múltiplas determinações, cujas características o tornam um elemento imanente à composição da pobreza nas sociedades capitalistas (SILVA, 2006).

Como um dispositivo que catalisa os olhares da população em geral para uma parcela historicamente estigmatizada na sociedade brasileira, produzindo cidadania, o Jornal Boca de Rua se configura como um importante veículo alternativo de comunicação que pauta a realidade e as necessidades da população em situação de rua, assim como seus anseios, lutas e conquistas. Atuando em sentido contrário à maioria das demais publicações, o periódico assume a difícil tarefa de dar voz a esta população, na luta por direitos.

Considerando sua importância, essa investigação objetivou analisar as matérias veiculadas no Jornal Boca de Rua de modo a compreender as temáticas mais recorrentes, tendo como ponto de partida o fato que as mesmas exporiam aspectos importantes do cotidiano das pessoas

em situação de rua. O Boca de Rua utiliza as páginas do jornal como dispositivo de visibilidade e de exposição de representações que os distanciam da condição de desumanos e incômodos que lhes é atribuída em outros veículos comunicacionais.

A desconstrução dos estigmas e preconceitos para com as pessoas que vivem e habitam a rua dá-se ao mesmo tempo em que se retira essas pessoas da invisibilidade do nosso olhar, tornando-os não só visíveis, mas carregados de produção de vida e como possibilidade de troca; tudo isso nos espaços relacionais de cuidado – a própria rua. (SILVA JÚNIOR e BELLOC, 2018).

Sobreviver nas ruas significa ter a vida perpassada pela violência, pela discriminação e pelo preconceito e pela ausência de direitos humanos e preceitos constitucionais como o direito ao trabalho, moradia, saúde, assistência social, entre outros. Dessa forma, destaca-se a importância de veículos de comunicação comunitária capazes de atuarem como elemento “(...) modificador dos olhares alheios sobre a população de rua: ao tornar evidente sua humanidade, podem ser mais respeitados, menos estigmatizados e menos marginalizados.” (ALLES, 2010, p. 155). É deste modo que, pelo deslocamento da esmola assistencialista para a realocação das pessoas envolvidas na produção e venda do Boca de Rua no circuito de produção de bens e serviços o jornal abre um campo de possibilidades de cidadania e visibilidade a esse segmento social diversificado e historicamente estigmatizado.

Referências

- ADORNO, Rubens. Os imponderáveis circuitos dos vulneráveis cidadãos: trajetórias de crianças e jovens nas classes populares. In: LERNER, Júlio. (Org.). *Cidadania, verso e reverso*. São Paulo: Imprensa oficial do estado, 1997/1998.
- AGUIAR, Maria Magalhães; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000100012>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- ALLES, Natália Ledur. *Boca de Rua: representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário*. 2010. 228 f. Tese (Mestrado em Comunicação e Informação). Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- ALICE. *Alice Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação*. 2011. Disponível em: <<http://www.alice.org.br>>. Acesso em 05 ago. 2017.
- ANTONI, Clarissa; MUNHÓS, Aline Assmann ruas. As Violências Institucional e Estrutural Vivenciada por Moradores de Rua. *Psicologia em Estudo*. UFCSFA Maringá, v.21, n.4, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo>>. Acesso em 15 nov. 2018.
- ANDRADE, Luana Padilha; COSTA, Samira Lima da; MARQUETTI, Fernanda Cristina. A rua tem um imã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 4, 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEZERRA, Waldez Cavalcante et al. O cotidiano de pessoas em situação de rua: rupturas, sociabilidades, desejos e possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional*. UFSCar, São Carlos, v.23, n.2, 2015.
- BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 dez.2009. *Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências*. Diário Oficial, Brasília, DF, 23 dez. 2009
- BULLA, Leonia Capaverde; MENDES, Jussara Maria Rosa; PRATES, Jane Cruz. (Orgs.). *As múltiplas formas de exclusão social*. Porto Alegre, Federação Internacional de Universidades Católicas: EDIPUCRS, 2004.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. – Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- CRUZ, Maria Núbia Alves; ASSUNCAO, Ada Ávila. Estrutura e organização do trabalho infantil em situação de rua em Belo Horizonte, MG, Brasil. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 17, n. 1, 2008.
- FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 20-38.
- GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs. e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- JÚNIOR, Diogo Vaz da Silva; BELLOC, Márcio Mariath. Habitar invisível: produção de vida e cuidado na experiência urbana. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, 2018. Disponí-

- vel em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018005010102&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jul. 2018.
- LIMA, Cristiane Martins; OLIVEIRA, José Oswaldo Soares. Participação popular dos moradores de rua na gestão pública do Município de Porto Alegre, RS. *Revista Univap*, São José dos Campos, v. 18, n. 32, 2012.
- LORENZINI, Elisiane. Pesquisa de métodos mistos nas ciências da saúde. *Revista Cuidarte*, v.8, n.2, 2017. ISSN 2216-0973. Disponível em: <<https://www.revistacuidarte.org/index.php/cuidarte/article/view/406/866>>. Acessos em 25 julho 2018. doi: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v8i2.406>
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen; COSTA, Luis Artur; MADEIRA, Manoel Luce Madeira. Sujeitos no sumidouro: a experiência de criação e resistência do Jornal Boca de Rua. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100006>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. Assembleia Geral. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948.
- PAIVA, Irismar Karla Sarmiento et al. Direito à saúde da população em situação de rua: reflexões sobre a problemática. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015218.06892015>>. Acesso em: 04 nov. 2017.
- PEIXOTO, Paulo. Espaço e poder: os processos de Gentrificação. In: FORTUNA, Carlos et al. (Orgs.). *Paisagens Socioculturais Contemporâneas*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2014.
- PIMENTA, Melissa de Mattos. Pessoas em situação de rua em Porto Alegre: Processos de estigmatização e invisibilidade social. *Civitas, Revista de Ciências Sociais*, v. 19, n.1, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892019000100082&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de setembro de 2019..
- SILVA, Carla Regina et al. Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 489-500, 2018.
- SILVA, M. Lúcia Lopes da. *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005*. Dissertação (Mestrado em Política Social). Departamento de Serviço Social. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- SILVA, Rosimeire Barboza da; COSTA, Alderon Pereira da. Direitos Humanos da População em Situação de Rua? Paradoxos e Aproximações a uma Vida Digna. *Revista Direitos Humanos e Democracia*, n. 3, v. 6, 2015.
- VARANDA, Walter. *Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua*. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, n.1, v.13, 2004.
- VIEIRA, Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Orgs.). *População em situação de rua: Quem é, Como vive, Como é vista*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.